



**Borges, A. J. (2019). *Diacrónicas*.
Theya Editores. Lisboa: 114pp.**

MIGUEL REAL¹

O decálogo da arte da crónica em A. J. Borges

Diacrónicas é o terceiro livro de crónicas de António José Borges (AJB), depois da publicação de *Timor – As rugas da beleza* (2006) e *Peito à janela sem coração ao largo* (2019), livros que já foram apreciados muito positivamente por Annabela Rita, Maria Luísa de Castro Soares e Onésimo Teotónio Almeida.

Com efeito, ainda que nos centremos no livro ora publicado, existe já uma Arte da Crónica em AJB, uma especificidade singular na construção das suas crónicas. Tentaremos demarcar a originalidade cronística do autor em

dez pontos, a totalidade das quais faz jus o título deste artigo.

Em primeiro lugar, o autor afasta do tema da crónica o fácil, o corriqueiro, o comentário vulgar, que atraia o leitor pelo motivo do acontecimento exótico ou do escândalo – o habitual nos jornais. AJB escreve crónicas, não cronicazinhas.

Em segundo lugar, provindo do coração do Douro e constituindo-se a segunda parte deste livro de crónicas publicadas na revista *Tribuna Douro*, de Peso da Régua, AJB nunca cai numa linguagem tipicamente rústica ou rural, muito menos paroquial. Muito pelo contrário,

¹ CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

a linguagem das suas crónicas dirige-se a um leitor universal, culto, mas não erudito, urbano, cosmopolita, como todos os textos da primeira parte («À mesa com a geração dos trinta») o indicam.

Em terceiro lugar, escrevendo com perfeição (AJB é professor de Português), as suas crónicas são desprovidas de eloquência, no sentido retórico da ostentação cultista da palavra. Pelo contrário, são crónicas vazadas num português corrente, despretensioso, que, partindo dos factos do quotidiano, não os absolutiza, utilizando uma linguagem abstrata e a abordagem de temas não raro intemporais. O autor, por toda a sua vida passada, não precisa de mostrar-se ou de mostrar uma cultura pedante ou snobe, a que a escrita da crónica, habitualmente, dá ensejo. Neste sentido, as crónicas de AJB são justas (nem uma palavra a mais, nem uma menos), dirigem-se a temas e problemas reais e são literatura sem pendor livresco.

Em quarto lugar, as crónicas de AJB são instrumentos de conhecimento, para si, autor, que pensa escrevendo, mas também para o leitor (veja-se toda a primeira parte do livro), são crónicas reflexivas, que ponderam questões, problemas ainda não suficientemente dominados, que, ainda que não solucionados no decorrer do texto da crónica, ajudam o leitor a montar uma cartografia conceptual. Não são textos simples, de ler e esquecer, antes são textos com a intenção de pensar o mundo,

muitas vezes sublinhando os seus desequilíbrios sociais e morais.

Em quinto lugar, as crónicas são atravessadas por um pendor lírico ou, dito de outro modo, por um modo poético de ver o mundo, onde a beleza da construção frásica corresponde à beleza do coração do autor. Não a frase exprobativa, caluniadora, censória, antes a frase compreensiva, tolerante, transigente, como quem, céptico, sabendo que o mundo está mal, não se inibe de ver o que nele igualmente está bem. Esta é uma lição de tolerância ética: denuncia o que está mal sem difamação ou injúria.

Em sexto lugar, e em virtude dos dois últimos pontos, são crónicas escritas por uma mente humanista, por quem sabe que ainda falta realizar as virtudes do «humano», que a modernidade é, como diz Habermas, um projeto inacabado. Das crónicas de AJB ressalta nos interstícios a crença lúcida de que, se o homem não continuar a embaraçar o novelo da natureza e da existência social, é possível que, como o padre António Vieira e Fernando Pessoa queriam, a Idade de Ouro da humanidade esteja no futuro.

Em sétimo lugar, são textos de iniciação do autor, textos preparatórios que desembocarão, um dia, num grande ensaio ou num grande romance, textos que treinam a mão e os recursos estilísticos em função da densidade e da economia expressivas, ora breves (crónicas), no futuro longos (o romance, o ensaio).

Em oitavo lugar, não obstante o seu carácter reflexivo, todas as crónicas contam uma pequena história, mas não com o valor de parábola: o autor, humanista, denuncia injustiças mas não constrói uma moral. Diferentemente, do núcleo fundamental da história pode extrair-se um valor ético universal, um valor, não uma regra, muito menos uma lei moral. Um valor aponta para o sentido semântico preferido pelo autor, para a sua escala de opções existenciais, mas não constrange, não coage o leitor a segui-la. Ou seja, as crónicas de AJB, defendendo valores, não são porém moralistas. Por isso, nenhuma das suas crónicas é conselheiral ou magistral.

Em nono lugar, as crónicas de AJB tendem a ser memorialísticas, entrelaçam o tempo exterior, cronológico, com a memória interior, subjetiva, antes de mais a pessoal, depois a coletiva. Inúmeras crónicas falam da sua existência pessoal, a sua deambulação por Timor, os seus estudos na Alemanha, os seus amigos pelo mundo fora, a sua infância duriense. É o destino da boa crónica: cruzar o íntimo com o

público, a subjetividade memorialística com a objetividade realista.

Finalmente, a décima e última característica da Arte da Crónica de AJB, uma espécie de síntese: a sua carta de valores subjacente e enquadradora da escrita da totalidade das crónicas:

1. A relação identidade / alteridade. As crónicas constituem um verdadeiro ringue de box onde se harmonizam e conflituam o Eu do autor e as solicitações/temas/problemas exteriores;

2. A relação entre as grandes questões atuais da Humanidade (questões ambientais, pobreza, desigualdade...) e o modo particular como o autor as perspetiva;

3. Finalmente, a lucidez de quem não segue a vida aos acasos, dependente de desafios externos, mas de quem possui, para si e para os seus, um projeto humano de vida.

A um autor assim, temos, nós, leitores, a obrigação de lhe pedir que não pare de escrever crónicas. Parabéns.